

GLOSSOLALIA: ÉTICA E DIMENSÃO SIMBÓLICA NO PENTECOSTALISMO

Maurício RICCI¹

Resumo: Este artigo analisa as mediações simbólicas no Pentecostalismo, especialmente a **glossolalia** – o **dom de línguas**, tema mais importante na Teologia Pentecostal. Os fiéis acreditam que o **dom de línguas** seja a evidência explícita do batismo do Espírito Santo e elaboram sua identidade e sua alteridade por meio desse dom.

Palavras-Chave: Glossolalia; mediações simbólicas; trajeto antropológico.

Abstract: This article analyses the symbolical mediations in the Pentecostalism churches, specially, the **glossolalia** – the **gift of tongues**, the most important subject within the Pentecostal Theology. The devoted believes that the gift of tongues is the explicit evidence of Holy Ghost's baptism, and they build their identity and their alterity by means of this gift.

Keywords: Glossolalia; symbolical mediations; anthropological trajet.

Audição de vozes, visões, sonhos premonitórios, psicografia, projeção astral, jornadas fora do corpo, passes espirituais, entre outros, compõem um leque de fenômenos aos quais nossas ciências nunca deram a devida atenção, ou como faz o modelo biomédico, classificam-nos como patologias. Entretanto, outras culturas e religiões – Kardecismo, Candomblé, Pentecostalismo e outros sujeitos, benzedeiros, curandeiros, etc. – entendem essas manifestações de modo distinto e as concebem como uma graça e uma benção dos deuses: os dons.

Desenvolvo um trabalho cujo tema é a **glossolalia**, fenômeno que encontramos em diversas tradições religiosas, em especial nas igrejas evangélicas

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Sociologia – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Universidade Estadual Paulista – 14800-901 – Araraquara – SP.

pentecostais e no movimento de Renovação Carismática Católica. Pesquisei o tema em uma comunidade das Assembléias de Deus em São Carlos. Escolhi essa denominação religiosa por se tratar de uma igreja evangélica de grande expressão no Brasil e pela ênfase dada ao **dom de línguas** no conjunto doutrinário do grupo. As questões que pretendo problematizar são: o que é a **glossolalia**? Como, nesse fenômeno tão singular, inúmeros símbolos constroem um sentido epifânico para a Igreja e para os fiéis? Para abordar essas questões necessitamos adentrar na complexa questão da **causalidade** dos acontecimentos e compreender duas condições inseparáveis: a **natureza da realidade** e a **natureza do conhecimento**.

Alguns autores definem a **glossolalia** como “a invenção, em período de transe, duma língua desconhecida, que não é uma língua estrangeira, mas uma pura criação da personalidade mística” (BASTIDE, [19-], p. 76) ou “uma manifestação lingüístico-religiosa na qual o falante/crente, no contexto da oração e tomado pelo êxtase, produz uma linguagem emocional, ritmada, silábica, quase melódica” (BAPTISTA, 1989, p. 17). O

‘falar em línguas’ é uma prece que não obedece a nenhum tipo de prece: nem formular pedidos, nem recitar fórmulas prontas ou inspirar-se nelas na improvisação de salmos, nem adorar – quer dizer, rezar sem a utilização (mesmo mental) de linguagem (CORTEM, 1996, p. 56)

e ainda, “entre os murmúrios e as invocações pode-se perceber uma linguagem diferente, monossilábica e reiterativa, que não faz sentido, mas cujo ritmo poderia ser confundido com o de uma língua” (AUBRÉÈ, 1985, p. 1072).

A **glossolalia** é o eixo principal da Teologia Pentecostal, pois é concebida como uma manifestação explícita do **batismo no Espírito Santo** (ORO, 1996, p.19; CORTEN, 1996, p.57; CAMPOS JÚNIOR, 1995, p.24). Segundo as **representações sociais** construídas pelos cristãos pentecostais existem dois tipos de batismo: aquele feito por homens por imersão, o **batismo nas águas**, e o feito pelo próprio Jesus Cristo, o **batismo de fogo** ou no Espírito Santo. Quando os fiéis estão **falando em línguas** eles podem cair, deitar-se (CAMPOS JÚNIOR, 1995; CORTEN, 1996), pular, rolar, dar cambalhotas (MARIANO, 1995), chorar, rir (ORO, 1996), eles dizem sentir uma grande emoção, alegria, exultação, transbordamento (ORO, 1995). Interessante notar, como observou Rolim, que na oração coletiva e em **línguas** os condicionantes sociais

sobrepõem-se aos condicionantes religiosos, confluindo seu pensamento com os estudos de Bourdieu (1992).

Considerando os vários grupos que compõem as classes subalternas no Brasil, nas Igrejas Pentecostais – cujos fiéis apresentam poder aquisitivo maior do que em outros grupos religiosos freqüentados por subalternos – os gestos e expressões são mais comedidos, ou seja, os gestos, expressões, tonalidade da voz “se alteram na medida em que se altera a composição social dos integrantes dos cultos” (ROJIM, 1985, p.197). Por isso, é necessário compreender o **dom das línguas estranhas** levando em conta a complexidade do mesmo – que abarca, além da questão social, a ontológica e a cosmológica – para não construir uma visão fragmentada e redutora do dom, mas compreendê-lo como parte do paradigma da dádiva, fenômeno pouco compreendido no pensamento social.

Analisando o processo de aquisição da **glossolalia** através de uma **trajetória do dom**, que se estende desde um **mundo imponderável** até as relações que o fiel desenvolve com um **cosmo intencional**, lugar mítico no qual o crente concebe a si mesmo como um **eleito**, alguém que se diferencia dos demais por possuir um dom e uma **missão** no mundo. Nesse itinerário construo uma visão interna ao grupo, uma visão de dentro, ou seja, como cada fiel define, vive e sente a **glossolalia** em seu cotidiano, estabelecendo relações entre o dom e a visão de mundo e símbolos oferecidos pela cultura pentecostal.² O reconhecimento de ser escolhido por eleição divina é uma importante condição, pois só é apto a receber o **dom de línguas** aquele que **nasceu duas vezes**, o iniciado pentecostal que, simbolicamente, morreu e renasceu. A iniciação lança o neófito em uma rede de conexões, significados e sentidos novos para a existência: a) o corpo torna-se receptáculo do sagrado, o **templo do Espírito Santo**; b) as dilacerações interiores recebem outro equacionamento na transcendência do biográfico; c) no contato com o outro, por meio do dom, reconhece-se a filiação divina, cumpre-se uma **missão** no mundo.

² Emprego o conceito de cultura no sentido construído pela Antropologia da Complexidade: “A cultura, que é a característica da sociedade humana, é organizada/organizadora via o veículo cognitivo que é a linguagem, a partir do capital cognitivo coletivo dos conhecimentos adquiridos, das aptidões aprendidas, das experiências vividas, da memória histórica, das crenças míticas de uma sociedade. Assim se manifestam ‘representações coletivas’, ‘consciência coletiva’, ‘imaginário coletivo’. E, dispondo do seu capital cognitivo, a cultura institui as regras/normas que organizam a sociedade e dirigem os comportamentos individuais. As regras/normas culturais geram processos e regeneram globalmente a complexidade social adquirida por essa mesma cultura. Assim a cultura não é nem ‘superestrutura’ nem ‘infraestrutura’, sendo esses termos impróprios numa organização recursiva onde o que é produzido e gerado se torna produtor e gerador daquilo que produz ou gera” (MORIN, [19-], p. 17).

A **glossolalia** como um dos elementos de integração da identidade pessoal, social e mítica me conduz a compreender as **mediações simbólicas** – as **estruturas profundas** – motivadoras dessa expressão do **numinoso**. A *Antropologia da Complexidade* de Edgar Morin e a *Antropologia do Imaginário* de Gilbert Durand, duas hermenêuticas que convergem fundando uma *Antropologia Profunda* (CARVALHO, 1984, p. 5), orientam-me epistemologicamente nesta pesquisa que abarcará a utilização do AT-9³. Apresento abaixo dois momentos desta pesquisa.

Em *A epifania do dom* construo a história da **glossolalia** desde sua origem na Bíblia, como se deu a reativação do dom no começo do século XX com o Movimento Pentecostal e, na década de 1960, na Renovação Carismática Católica. No **itinerário do dom: do mundo imponderável à intencionalidade do cosmo** descrevo a trajetória de aquisição do **dom das línguas estranhas** por meio das **mediações simbólicas**. Nesse caminho busco refazer a cisão deixada pelo sentimento de desamparo e sofrimento vivido quando abordo positivamente o dom, resgatando uma posição de potência que eles (os fiéis) desenvolvem diante das adversidades da vida em uma sociedade como é a nossa, pautada pelo individualismo.

A epifania do dom

Ao se tomar a tradição bíblica como uma outra maneira de se falar sobre a realidade – uma realidade mítica que não segue os mesmos condicionantes apreendidos pelo pensamento social, dominante na academia – utilizo metáforas, símbolos e analogias que seguem uma lógica redundante.

A **efusão** do Espírito Santo e os dons que dele emanam, dentre eles a **glossolalia**, são vistos pelos pentecostais como a promessa de Deus para os **últimos dias**⁴: “e há de ser que, depois derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos jovens terão visões” (JOEL, 1994. Cap. 2, vers. 28). A figura

³ “O AT-9 envolve a realização de um desenho seguido de uma pequena estória e completado pelo questionário AT-9. Os nove elementos ou estímulos-arquétipos criam ‘fatos simbólicos’ materializados por uma imagem (desenho) e um ‘sentido’ (relato), liberando a angústia original numa produção imaginária” (BADIA, 1999, p. 73).

⁴ O mitólogo Joseph Campbell interpreta os últimos dias ou o fim do mundo como “a metáfora do nosso começo espiritual e não o nosso fim cruel e ígneo” (CAMPBELL, 2002, p.25).

mítica de Jesus caracterizava esse acontecimento como promessa de um outro **consolador**, o Espírito Santo, confortando e capacitando os discípulos para o serviço evangélico: “e eis que sobre vós envio a promessa de meu Pai; ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder” (LUCAS, 1994. Cap. 24, vers. 49). Em depoimento dos fiéis da Assembléia de Deus sobre a **glossolalia** encontramos a mesma noção de promessa, algo que funda e reproduz as relações simbólicas que se explicitam nessas trocas sociais que se dão entre eles:

o Espírito Santo, a partir de que você aceita Jesus, você recebe este consolador que vai te consolar. [...] muitas vezes você está triste, caído e parece que vem uma voz e fala ‘meu filho não fica triste’, o consolador te conforta, te dá consolo. O dom de línguas você recebe como promessa, é o selo da promessa que você recebe a partir do momento em que você buscar. (23 anos, operador industrial).

A interpretação dos discípulos da suposta orientação de Jesus para permanecerem em Jerusalém, cinquenta dias após a morte de Cristo, no dia de Pentecostes, é relatada em Atos dos Apóstolos:

e, cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos concordemente no mesmo lugar; E de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem (ATOS DOS APÓSTOLOS, 1994, Cap. 2, vers. 1-4).

Esses acontecimentos de Pentecostes – daí o adjetivo Pentecostal – foram interpretados pelo cristianismo nascente como um cumprimento da profecia do profeta Joel. Pedro, o apóstolo, ao perceber que muitos pensavam que os discípulos estavam bêbados, interpreta essa epifania:

estes homens não estão embriagados, como vós pensais, sendo a terceira hora do dia. Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel: E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne; E os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, Os vossos jovens terão visões, E os vossos velhos terão sonhos (ATOS DOS APÓSTOLOS, 1994, Cap. 2, vers. 15-17).

Os acontecimentos de Pentecostes registrados nas Escrituras são uma espécie de mito de origem do Movimento Pentecostal. Dizem os crentes pentecostais que é possível reviver o que aconteceu com a igreja primitiva

quando da grande efusão do Espírito no Pentecostes. Uma das funções do mito é de eternização do tempo: o passado se faz presente, o presente abarca o passado e o tempo se inscreve no eterno retorno.

Uma Babel às avessas

Outro episódio que se consolidou como tradição no imaginário judaico-cristão refere-se à Torre de Babel e a confusão dos idiomas:

e era toda a terra de uma mesma língua e de uma mesma fala. E aconteceu que, partindo eles do Oriente, acharam um vale na terra de Sinar; e habitaram ali. E disseram uns aos outros: Eia, façamos tijolos e queimemo-los bem. E foi-lhes o tijolo por pedra, e o betume por cal. E disseram: Eia, edifiquemos nós uma cidade e uma torre cujo cume toque nos céus, e façamo-nos um nome, para que não sejamos espalhados sobre a face de toda a terra. Então desceu o SENHOR para ver a cidade e a torre que os filhos dos homens edificavam; e o SENHOR disse: Eis que o povo é um, e todos têm uma mesma língua; e isto é o que começam a fazer; e agora, não haverá restrição para tudo o que eles intentarem fazer. Eia, desçamos e confundamos ali a sua língua, para que não entenda um a língua do outro. Assim o SENHOR os espalhou dali sobre a face de toda a terra; e cessaram de edificar a cidade. Por isso se chamou o seu nome Babel, porquanto ali confundiu o SENHOR a língua de toda a terra, e dali os espalhou o SENHOR sobre a face de toda a terra (GÊNESIS, 1994, Cap. 11, vers. 1-9).

Dois movimentos, interpretados miticamente, conectam fenômenos que são interpretados como epifânicos. Conforme a tradição escriturística, Deus confundiria as línguas (idiomas) para que os homens se espalhassem pela terra e, no dia de Pentecostes, ocorresse o movimento inverso, os homens seriam congregados, por meio da **glossolalia**, para ouvir as boas novas do Evangelho:

e em Jerusalém estavam habitando judeus, homens religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu. E, quando aquele som ocorreu, ajuntou-se uma multidão, e estava confusa, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua. E todos pasmavam e se maravilhavam, dizendo uns aos outros: Pois quê! não são galileus todos esses homens que estão falando? Como, pois, os ouvimos, cada um, na nossa própria língua em que somos nascidos? Partos e medos, elamitas e os que habitam na Mesopotâmia, Judéia, Capadócia, Ponto e Ásia, e Frígia e Panfília, Egito e partes da Líbia, junto a Cirene, e forasteiros romanos, tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabes, todos nós temos ouvido em nossas próprias línguas falar das grandezas de Deus (ATOS DOS APÓSTOLOS, 1994, Cap. 2, vers. 5-11).

Babel cinde **coisa e nome**, “a linguagem perde seu poder de presentificação do ser e sua relação direta com o objeto” (OLIVEIRA JÚNIOR, 2000, p.60). É a palavra que nomeia o sagrado. É o lugar de onde se fala, a Igreja, que assegura um possível retorno a um estado primordial de unidade, ainda que temporária, entre signo e objeto por meio de mediações simbólicas. Os ritos religiosos – orações, **glossolalia**, bênçãos – operam uma recondução do sentido, de modo que o que era dual faz-se Um com o Ser, o que estava perdido foi encontrado, o que era morto agora revive, o paraíso perdido torna-se paraíso restituído.

Os trechos selecionados para essa exposição, indicam a origem mítica tanto do grupo em questão como da **glossolalia**. Quando questionados sobre o que é o **dom de línguas** e o que ele significa para a Igreja, os fiéis pentecostais reativam e atualizam uma relação que funda a origem mítica do grupo nas Escrituras e a própria Escritura como fonte de conhecimento sobre o mundo. Francisco Cartaxo Rolim afirma que a razão desses mitos serem “‘re-contados’, ‘re-narrados’ não significa lembrá-los apenas. Pelo contrário, é para dar sentido existencial ao presente” (ROLIM, 1985, p.222).

Um dom institucionalizado:

Evangélicos e Católicos Romanos: a glossolalia no século XX

Alguns autores apontam marcos para o início do Movimento Pentecostal no meio evangélico: em 1901, nos Estados Unidos, temos sua origem no pietismo (CAMPOS JÚNIOR, 1995, p.17); no começo do século, também nos Estados Unidos, herdeiro do movimento *holiness* e do *metodismo wesleyano* e distinguindo-se do Protestantismo por pregar a atualidade dos dons do Espírito Santo, é destacada a **glossolalia** (MARIANO, 1999, p.10); ou ainda, no ano de 1906, nos Estados Unidos, temos a origem da **glossolalia** precisamente em Azusa Street (ORO, 1995, p.85). Estas são, talvez, as datas mais significativas do início do Pentecostalismo no século XX.

No Brasil, a primeira igreja evangélica pentecostal foi fundada no Brás, na cidade de São Paulo, em 1909. Vindo dos Estados Unidos, um dissidente da Igreja Presbiteriana, Francescon, de origem italiana, tinha a missão de comunicar a seus compatriotas italianos sua experiência religiosa e fundou a igreja Congregação Cristã no Brasil. Poucos anos depois, em 1911, em Belém

do Pará, uma mulher teria falado diversas vezes em **línguas estranhas** durante um culto. Entre os fiéis, os mais ortodoxos não aceitaram tal procedimento na liturgia. Então, os dissidentes, dentre os quais dois missionários batistas americanos de origem sueca, fundaram a Assembléia de Deus (ROLIM, 1985, p.34-45). Inúmeras igrejas surgiram após essas duas, entre elas, poderíamos destacar a Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Deus é Amor, Igreja do Evangelho Quadrangular, O Brasil para Cristo, e outras.

No meio Católico Romano a **glossolalia** se faz presente no Movimento de Renovação Carismática. O movimento começou nos Estados Unidos em 1967 e rapidamente chegou ao Brasil após o refluxo de outro movimento, a Teologia da Libertação. Em muitos aspectos, a Renovação Carismática se assemelha aos cultos pentecostais na medida em que os membros valorizam a **glossolalia**, os exorcismos, as curas e os milagres (PRANDI, 1998, p.32).

Itinerário do dom:

Do mundo imponderável à intencionalidade do cosmo

Vivemos em um mundo paradoxal. Ao mesmo tempo tudo nos é oferecido – aventura, poder, alegria – e tudo de nós pode ser retirado: nossas posses, amigos, familiares, emprego, aquilo que sabemos e aquilo que somos. Nossas certezas em um instante podem dissolver-se e nos vemos desamparados num ambiente que parece ser de eterna desintegração. Nesses momentos desenvolvemos estratégias para nossa própria sobrevivência física, psicológica/existencial e sócio-cultural (BERMAN, 1992, p.15-21).

Esse ambiente de constante mudança rompe com o que Anthony Giddens (1990, p. 95-102) chama de **segurança ontológica**. Frente aos diversos dissabores da vida, a segurança ontológica refere-se ao mito da continuidade e constância da nossa identidade, da relação do eu com o outro. O autor vincula a idéia de **segurança ontológica** à rotina. Na medida em que a rotina sofre alteração, seja por morte de pessoas próximas, doença, perda de emprego, a ansiedade, ausência de confiança diante da vida, o pavor existencial (*sic*) produz uma cisão do eu biográfico e sócio-cultural alterando aspectos da personalidade do indivíduo (GIDDENS, 1990, p.95-102). Como devemos nos posicionar diante de um mundo tão efêmero e imponderável? Acomodamo-nos e

sucumbimos frente a esse mundo opressor e sem esperanças? Ou lutamos dia a dia pela nossa integridade e sobrevivemos? Reprimiremos sentimentos? Sucumbiremos à apatia, ao consumo, aos modismos, às drogas? Fugiremos do convívio com o outro? (TARNAS, 2002, p. 45-46). Qual é o movimento que nos permite reconhecer a fragmentação do mundo e buscarmos mecanismos integradores dessas experiências? Aqui, parece-nos que o mundo nos coloca diante da exigente busca de recondução de sentido, de inversão da situação por meio de um trabalho da sensibilidade, lugar em que a “subjetividade e a objetividade estão mutuamente co-implicadas” (GARAGALZA, 1990 apud BADIA, 1999, p.57); espaço que alude ao *mundus imaginalis*,⁵ o terceiro incluído (MORIN, [19-], p. 176-8), que redimensiona o que a razão cartesiana cindiu: natureza/cultura, sujeito/objeto, interno/externo.

Fry & Howe (1975), apontam que o recrutamento de fíéis, no Pentecostalismo e na Umbanda, é feito, usualmente, por meio da aflição. Classificam em três os tipos de aflição encontradas no Brasil urbano atual: 1) problemas com a saúde; 2) desemprego, dívidas, questões com as autoridades; 3) dificuldades de socialização (relacionamento amoroso, desordem familiar, problemas com vizinhos). O sofrimento, interpretado sob diversas formas, seria uma pré-condição para a filiação religiosa (p.75). Nessa mesma direção, “é no momento da crise existencial que a conversão se dá, quando se manifesta a cura, quando o problema se resolve, quando a vida recupera sentido” (PIERUCCI & PRANDI, 1996, p. 17). Francisco Cartaxo Rolim diz mais sobre o sentimento de proteção quando da conversão:

A dimensão existencial desta proteção advém não tanto da interpretação dos textos bíblicos, mas do que é sentido, do que é vivido e experimentado como manifestação do Espírito – o dom de línguas, o batismo no Espírito, o poder de cura etc. (ROLIM, 1985, p.226).

O sofrimento exige uma superação das várias cisões do humano por meio de instrumentos cognitivos e simbólicos que tornem o mundo, nossa vida e o universo inteligíveis (OLIVEIRA, 2001, p.7). No Pentecostalismo, quando superadas essas aflições por meio da **conversão**, costuma-se dizer que **se nasce**

⁵ Segundo Paula Carvalho “perdemos, com o averroísmo latino, a partir do séc. XIII, a dimensão do ‘entre dois’, o mundo das mediações e dos mediadores simbólicos que se situava entre o mundo sensível e o mundo inteligível. Esse é o *mundus imaginalis* ou ‘Imaginal’, designação criada por H. Corbin para designar esse ‘mundo intermediário’ onde se espiritualizam os corpos e se materializam os espíritos: mundo dos corpos sutis, é o mundo das visões, revelações, profecias, intuições, sincronicidades, psicóide, transe, estados alterados de consciência, etc. e das figuras mítico-imaginais” (CARVALHO, 1999, p.238).

novamente. O fiel morre para o **pecado** e nasce para Deus. Para Morin (1970, p.103), “todo o nascimento provém de uma morte, toda a mudança é análoga a uma morte-renascimento”. Essa discussão é muito importante na análise da **glossolalia** pois, como já foi dito, só um tipo de pessoa pode receber o dom de orar em **línguas estranhas**: aquele que nasceu de novo, o iniciado pentecostal. Por isso, o estudo da **glossolalia** insere-se na discussão morte-renascimento, tão cara à Antropologia, sobretudo desde Mauss. Uma vez **nascido novamente**, o campo dos arquétipos e símbolos presentes na tradição judaico-cristã – cruz, pomba, diabo, céu, inferno – tornam o mundo, as relações com o outro e seu estado anterior à conversão compreensíveis, ou seja, aquela situação de sofrimento e desamparo ganha sentido e propósito: o mundo ganha um sentido de transcendência. O cosmo passa a ter uma intencionalidade, rompe-se a barreira entre o fora e o dentro, o universo se revela.

A noção de **trajeto antropológico**, elaborada por Gilbert Durand (1997, p. 41), possibilita uma análise hermenêutica das imagens primordiais, os arquétipos. O **trajeto antropológico** equaciona concepções biológicas, psicológicas, sócio-culturais e míticas na formação dos arquétipos. Por meio dessa categoria podemos acessar a **estrutura profunda** presente na constituição dos grupos e instituições. Não temos somente as dimensões instituídas/patentes/redutoras da **glossolalia**, fenômeno aparente do caos, mas com Durand vemos a necessidade de realizar uma convergência de hermenêuticas no sentido de agregar as dimensões instituintes/latentes/instauradoras à discussão, na direção de uma **Antropologia Profunda**. Para além das relações e trocas sociais, preocupamo-nos com as **mediações simbólicas** motivadas pelos arquétipos mobilizados nas relações entre o grupo e os membros do próprio grupo (CARVALHO, 1989, p. 141).

Existem, pelo menos, dois lugares míticos para o crente apresentados inicialmente como maniqueístas: o cosmo pentecostal e o mundo. O mundo é o não-cosmo – lugar do caos, do informe, habitação dos **demônios**. No primeiro reina o Cristo e no segundo o diabo e seus **demônios**. O estado anterior à conversão – os sofrimentos e dissabores da vida – é identificado como sendo do domínio do diabo. A palavra **demônio** tem sua origem no latim eclesiástico *daemoniu(m)*, que por sua vez deriva do grego *daimôn* (δαίμων) que procede do verbo *daíesthai* (δαίεσται), repartir, dividir (BRANDÃO, 1993, p.278). Dessa forma, viver sob domínio do *daimon* remete às cisões natureza/cultura, sujeito/objeto, imanência/transcendência que o pensamento antropológico vem

aprofundando, sobretudo pela via da tradição francesa. Divisão é obscuridade, é caos; é o **pecado** da situação anterior ao **nascer de novo** e à **glossolalia**. O domínio do *daimon* nasce com o **pecado** de Adão. Segundo a tradição bíblica, a morte entra no mundo por meio da **queda** de Adão. A queda, conforme discute a arquetipologia durandiana, toma as formas do **tempo que pune**, da possessão pelo mal (*daimon*) e da morte (DURAND, 1997, p.112-4). Esse símbolo da queda descortina e traz à consciência a condição do homem no mundo e o problema da inevitabilidade da morte. Essa era a condição do fiel antes de aderir ao Pentecostalismo.

Minha história de vida? Olha... quando eu não era evangélico havia, ... muita tribulação na minha família, sabe, desordem, briga, desentendimento sempre havia um vazio na vida. Porque o homem sempre procurou uma resposta para o que ele queria e passando o tempo, eu me desentendi com meus irmãos, eu não tinha alegria na minha família. (23 anos, operador industrial).

O demônio (*daimon*), então, consiste no símbolo das cisões do humano: finito/infinito, sujeito/objeto, corpo/mente. Ken Wilber (1977, p. 94), epistemólogo norte-americano pesquisador da consciência, pensa o tema mítico da **queda** do homem no jardim do Éden como uma metáfora da condição do homem no mundo. No Éden, no princípio, havia unidade. Deus e o homem – infinito/finito – eram Um. No entanto, o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal foi provado, ou seja, surge o conhecimento dualístico/disjuntivo que a ciência cartesiana conduziu ao ponto máximo.

Stanislav Grof (1988, p. 85), psiquiatra tcheco pesquisador dos **estados incomuns de consciência**, afirma que a temática religiosa do **paraíso perdido** é um registro do nosso nascimento biológico. O feto, próximo ao nascimento, sofre com as contrações e espasmos uterinos. Segundo o autor, “sensações agonizantes de solidão metafísica, desvalimento, desesperança, inferioridade, desespero existencial e culpa” se apossam de quem está sob a influência dos símbolos de queda. A repentina mudança de estado faz do nascimento biológico nossa primeira experiência de medo e incerteza (DURAND, 1997, p.112). Para Durand (1977, p. 128), tais imagens – o caos, o diabo, as trevas, a queda – “são desencadeadores psicológicos e morais do heroísmo da ascensão”, isto é, trazem em seu interior a força para a inversão da situação em direção à homeologia, o terceiro incluído. Verdades e padrões morais valorizados pelos grupos, e a respectiva prática desses valores têm sua origem nos **símbolos** e

arquétipos ascensionais. Toda conduta moral no Pentecostalismo é motivada pelos **símbolos ascensionais** como a pomba, a escada, o próprio Espírito Santo. A asa, o voo, demonstram uma vontade de transcendência, reclamam uma inversão da situação e uma metamorfose (DURAND, 1997, p.126-8).

A **glossolalia**, compreendida simbolicamente como manifestação explícita do **batismo no Espírito Santo** e como uma iniciação, coloca em ordem um mundo perturbado pelo **pecado**, ou seja, opera uma transcendência em relação à biografia do crente. O dom reconquista uma potência perdida, muda o destino do fiel e domestica a morte. A palavra, escrita ou falada, tem correspondência com os símbolos de purificação como a luz e o fogo. Permite o controle do Cosmo e da Divindade. A palavra doma o Universo (DURAND, 1997, p.144-157). Nesse ponto, o iniciado não mais se identifica somente com o *daimon*. Concebe a si mesmo como um outro, uma **nova criatura**, um eleito, escolhido de Deus para participar das delícias do porvir. Assim, reabilita-se miticamente o mal e a morte. Eles não deixam de existir. Bem/mal, Cristo/*daimon*, morte/vida são pensados em complementaridade.

...nunca tinha bebido na minha vida e aí comecei a andar com uns colegas, a beber, a jogar, a ficar na rua aí até tarde da noite. Até que um dia minha mãe começou a entrar em desespero vendo o filho dela se acabando na bebida e no jogo [...] e eu não queria mais saber de igreja, pra mim acabou, não tinha mais jeito. Eles sempre me chamavam e eu dizia um dia eu vou lá, mas sabe aquela vontade...um dia eu vou mas sabe quando... um dia que ela chegou em mim e disse 'você vai hoje'? Aí eu fui lá, era uma quarta feira, cheguei no culto e os irmãos me receberam muito bem. Aí começou o culto, aí na hora da mensagem a palavra foi tão forte que eu pensei que só tinha eu ali dentro. A palavra veio diretamente pra mim, falando sobre tudo, sobre o sofrimento meu, aí até o pastor mencionou aquela passagem de Mateus 'vinde a mim os que estais cansados e oprimidos e eu vos aliviarei tomai o meu fardo que é leve e suave' e aí eu comecei a chorar [...] naquele momento ali tive entendimento que Deus tinha um plano na minha vida e na vida de cada um. (23 anos, operador industrial).

A cruz é um símbolo de união dos contrários. Ao invés de eliminar o maior inimigo do fiel, o *daimon*, agrega-o. Tanto os depoimentos colhidos na pesquisa quanto minha própria participação no Pentecostalismo me conduzem a reconhecer que o **dom de línguas** necessita de manutenção. Pode-se perdê-lo, daí o ascetismo pentecostal. Para mantê-lo, deve-se negar as **vontades da carne** e dedicar-se aos **exercícios espirituais** – jejum, oração, leitura da Bíblia, frequência nos cultos, vigílias. Caso contrário, corre-se o risco de um retorno

ao estado anterior à conversão. Parece que essa é a natureza do dom: o cultivo amplia a sua potencialidade, o não cultivo produz a perda do mesmo:

a partir do momento que você se afastou de Deus você deixa de falar com o dom de línguas. Assim...você sabe que Deus ama o pecador mas aborrece o pecado. O que é o pecado? É a mentira, o roubo, o adultério e isso faz o homem se afastar de Deus. Porque a luz, ela não fica com as trevas. A partir do momento que você pratica essas coisas vai se afastando e vai chegando pro lado das trevas e Deus é luz. E como é que pode num templo sujo alguém habitar nele? Nós somos morada do Espírito Santo. A partir do momento que você vai se distanciando de Deus, o Espírito Santo vai se distanciando de você. (23 anos, operador industrial)

Com o despertar do **dom das línguas estranhas** o fiel não somente encontra sentido para a sociedade em que vive, mas também propósito para as adversidades da vida, como ainda, tem sua personalidade transformada; como já disse, o crente sente-se um outro. Como nos processos iniciáticos, as crises têm um grande potencial para a transformação interior (GROF, 1988, p. 73), já os estados de transe operam uma síntese entre o eu e o outro (AUBRÉE, 1983, p.289), reafirmando a condição humana pela identificação com a dimensão religiosa do mundo. A compreensão desses fenômenos somente levando em conta a dissolução do eu, sem analisar os efeitos terapêuticos ou a **metamorfose**, segundo Aubrée (1983, p. 19), “corre o risco de não entender nada do fenômeno religioso”. É necessária a elaboração dessas forças que estão na base do que poderíamos chamar de condição humana. O eu e o outro, a superação dessa e outras duplicidades

não pode ser alcançada em moldes meramente humanos [...]. A conjunção dos contrários só pode ser formulada mediante o recurso à transcendência, ou seja, a vivência da alteridade é particularmente patente na experiência mística (AUBRÉE, 1978, p.57).

O êxtase, nesse sentido, deixa de ser somente a dissolução do eu e passa também a ser um momento único de construção de alteridades, compreensão de si mesmo e do totalmente Outro.

Esse potencial de cura tem origem no fato de o fiel colocar-se em uma posição que transcende sua história de vida, uma perspectiva mais abrangente; agora ele não é somente alguém que se alimenta, trabalha, dorme, adocece e morre, é um eleito, *filho de Deus*. A mensagem dessa identidade mítica é de que o fim não existe; há, então, uma presentificação do tempo, o mundo e a realidade

revelam-se de dentro, o Cosmo descortina-se e comunica sua intencionalidade. Daí poder entender a **glossolalia** como “**epifania**, isto é, aparição, através do e no significante, do indizível” (DURAND, 1993, p.11), é uma forma de exprimir o que é inexprimível na linguagem cotidiana ou profana (BASTIDE, [19-], p.20). É o não-manifesto no manifesto, “como um **pluralismo coerente** em que o significante temporal, material, ao mesmo tempo que é distinto e inadequado, se reconcilia com o sentido, o significado fugaz que dinamiza a consciência e salta de redundância em redundância, de símbolo em símbolo” (DURAND, 1993, p.94).

Considerações finais

Mesmo considerando que um pesquisador, como eu, possa também ser cristão, não tenho a intenção de fazer uma defesa incondicional do Pentecostalismo ou da **glossolalia**. Apesar de passarem por um processo de transformação muitas vezes notável, parece-me que, em vários aspectos, os fiéis permanecem inflexíveis quanto às suas convicções. Quando os pentecostais colocam-se no centro do mundo como eleitos, lançam todos os demais no terreno do *daimon*, dos perdidos. Exemplo maior desse etnocentrismo é a total aversão e repúdio aos cultos afro-brasileiros, pois o caboclo, o preto-velho, a pomba-gira e outros símbolos míticos, são considerados pelos pentecostais manifestações do demônio.

Marilena Chauí (1994, p. 81-2) coloca a religião popular em um movimento que ora é de resignação ora de consciência das adversidades do cotidiano. Ao mesmo tempo em que os pentecostais elaboram críticas à sociedade consumista, submetem-se às autoridades e se ajustam aos ideais dominantes. Seu pensamento conflui com o de Francisco Cartaxo Rolim:

quando o Pentecostalismo exalta o poder de Deus, apresentando-o como remédio para os males presentes e imediatamente sentidos e recebe uma avalanche de adeptos, transfere para o transocial e para o a-histórico uma aspiração de libertação latente nas camadas pobres, encobrendo-lhes a possibilidade de se tornarem autônomas pelas práticas sociais. Quando ainda a religião pentecostal prega o respeito à autoridade, da sua igreja ou ordem estabelecida, servindo-se para tanto de textos bíblicos, legítima a situação social. Pelo contrário, toda vez que os crentes, individualmente ou em grupos, começam a perceber que as carências, a pobreza, os males presentes brotam da própria

ordem social criadora de privilégios e desigualdades, põem-se, sem dúvida, em confronto com o ideologia dominante, leiga e profana. Questionam esta ideologia, mesmo que não se expressem nestes termos. E seu questionamento vai, não mais no rumo do como sair e escapar dos males presentes, e sim no rumo do porquê: por que afinal as coisas são assim tão desiguais? (ROLIM, 1985, p.180-181).

Essas ambigüidades não são erros ou falhas de percepção, são partes constitutivas da **condição humana**. A análise da **glossolalia** implica, para além das relações de trocas sociais, o resgate da dimensão mítica do humano, questão pouco enfatizada na literatura sociológica atual. Este artigo é uma expressão dessa preocupação.

Referências

- ATOS DOS APÓSTOLOS. In: **Bíblia sagrada**. São Paulo: Sociedade Trinitariana do Brasil, 1994. cap.2, vers. 1-11; 15-7.
- AUBRÉE, M. O transe: a resposta do xangô e do pentecostalismo. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v.37, n.7, p.1070-5, 1985.
- AUBRÉE, M. **O ser da compreensão**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- AUBRÉE, M. **O duplo e a metamorfose**: a identidade mítica em comunidades nagô. Petrópolis: Vozes, 1983.
- BADIA, D. D. **Imaginário e ação cultural**. Londrina: Ed. UEL, 1999.
- BAPTISTA, S. **Glossolalia**: o sentido da desordem-a simbologia do som na constituição do discurso pentecostal. 1989. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- BASTIDE, R. **Os problemas da vida mítica**. Lisboa; Europa-América, [19-].
- BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- BRÂNDÃO, J. S. **Dicionário mítico-etimológico de mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1993. v.1.
- CAMPBELL, J. **Isto és tu**: redimensionando a metáfora religiosa. São Paulo: Landy, 2002.
- CAMPOS JUNIOR, L. C. **Pentecostalismo**: sentidos da palavra divina. São Paulo: Ática, 1995.

- CARVALHO, J. C. P. **Energia, símbolo e magia**: uma contribuição à antropologia do imaginário. 1984. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CARVALHO, J. C. P. Pedagogia do imaginário e culturálise de grupos; educação fática e ação cultural. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v.15, n.2, p.133-51, 1989.
- CARVALHO, J. C. P. **Mitocrítica e arte**: trajetos a uma poética do imaginário. Londrina: Ed. UEL, 1999.
- CHAUÍ, M. **Conformismo e resistência**: aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CORTEN, A. **Os pobres e o Espírito Santo**: o pentecostalismo no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1996.
- DURAND, G. **A imaginação simbólica**. Lisboa: Edições 70, 1993.
- DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FRY, P.; HOWE, G. N. Duas respostas à aflição: umbanda e pentecostalismo. **Debate e Ciência**, São Paulo, n.6, p.75-95, 1976.
- GÊNESIS. In: **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Sociedade Trinitariana do Brasil, 1994. cap.11, vers.1-9.
- GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1990.
- GROF, S. **Além do cérebro**: nascimento, morte e transcendência em psicoterapia. São Paulo: Makron Books do Brasil, 1988.
- JOEL. In: **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Sociedade Trinitariana do Brasil, 1994.
- LUCAS. In: **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Sociedade Trinitariana do Brasil, 1994. cap.2, vers. 28.
- MARIANO, R. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.
- MORIN, E. **O método IV**. Lisboa: Europa-América, [19-].
- MORIN, E. **O homem e a morte**. Lisboa: Europa-América, 1970.
- OLIVEIRA, E. R. Eficácia simbólica de cura e razão analógica. **Antropológicas**, Recife, v.13, p.607-38, 2001.
- OLIVEIRA JÚNIOR, A. W. **Línguas dos anjos**: sobre glossolalia religiosa. São Paulo: Annablume, 2000.
- ORO, A. P. O Espírito Santo e o pentecostalismo. **Teo-Comunicação**, Porto Alegre, v.25, n.107, p.87-101, 1995.
- ORO, A. P. **Avanço pentecostal e a reação católica**. Petrópolis: Vozes, 1996.

PIERUCCI, A. F.; PRANDI, R. **A realidade social das religiões no Brasil**: religião, sociedade e política. São Paulo: Hucitec, 1996.

PRANDI, R. **Um sopro de espírito**: a renovação conservadora do catolicismo católico. São Paulo: Ed. USP, 1998.

ROLIM, F. C. **O pentecostalismo no Brasil**: uma interpretação sócio-religiosa. Petrópolis: Vozes, 1985.

TARNAS, R. **A epopéia do pensamento ocidental**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2002.

WILBER, K. **O espetáculo da consciência**. São Paulo: Cultrix, 1977.

